

ANTÓNIO BOTTO

ALGUNS POEMAS

JOSÉ MARIA ALVES

www.homeoesp.org
www.josemariaalves.blogspot.com

António Botto nasceu no ano de 1897, no concelho de Abrantes.

Com 5 anos passa a residir em Alfama e aos 23 escreve "Canções do Sul". Um ano depois publica a primeira edição de "Canções". Talvez se possa resumir a sua obra poética ao seu livro "Canções".

Em 1924, na qualidade de funcionário público, é colocado em Angola, para no ano seguinte regressar a Portugal, tendo tomado posse no Governo Civil de Lisboa.

No ano de 1937 é nomeado escriturário de 2ª classe do Arquivo geral de Registo Criminal e Policial.

Em 1942 foi demitido da função pública – *demissão e não aposentação compulsiva, o que não lhe deu direito a qualquer pensão* – por factos que foram subsumidos ao conceito indeterminado de "falta de idoneidade moral".

No ano de 1947, decide partir para o Brasil, tendo falecido no Rio de Janeiro, como consequência de acidente, em 1959.

Entre 1919 e o ano da sua morte, Botto teve intensa actividade literária, realçando-se a sua obra poética.

Fernando Pessoa, um dos seus admiradores, disse que o poeta "é o único português, dos que hoje conhecidamente escrevem, a quem a designação de esteta se pode aplicar sem dissonância".

O livro "Canções", é nesta perspectiva, uma obra de carácter intelectual onde, quer a forma quer o ritmo foram escrupulosamente estudados, onde a beleza e o prazer dominam numa perspectiva que de metafísica nada tem.

Em louvável atitude, no ano de 2008, as *Quasi edições* começam a publicar as obras completas do poeta "excomungado".

Que este "caso mal resolvido da literatura portuguesa", ocupe o lugar que por mérito próprio lhe pertence, o que apenas se conseguirá com a divulgação da sua excelente obra.

JOSÉ MARIA ALVES

DEZEMBRO DE 2009

Não. Beijemo-nos, apenas,
Nesta agonia da tarde.

Guarda -
Para outro momento,
Teu viril corpo trigueiro.

O meu desejo não arde
E a convivência contigo
Modificou-me - sou outro...

A névoa da noite cai.

Já mal distingo a cor fulva
Dos teus cabelos. - És lindo!

A morte
Devia ser
Uma vaga fantasia!

Dá-me o teu braço: - não ponhas
Esse desmaio na voz.

Sim, beijemo-nos, apenas!,
- Que mais precisamos nós?

Tenho a certeza
De que entre nós tudo acabou.
- Não há bem que sempre dure,
E o meu, bem pouco durou.

Não levantes os teus braços
Para de novo cingir
A minha carne de seda;
- Vou deixar-te, vou partir!

E se um dia te lembrares
Dos meus olhos cor de bronze
E do meu corpo franzino,
Acalma
A tua sensualidade
Bebendo vinho e cantando
Os versos que te mandei
naquela tarde cinzenta!

Adeus!
Quem fica sofre, bem sei;
Mas sofre mais quem se ausenta!

Não é ciúme o que eu tenho,
É pena;
Uma pena
Que me rasga o coração.

Essa mulher
Nunca pode merecer-te;
Não vive da tua vida,
Nem cabe na ilusão
Da tua sensualidade.
- Mas é bela! Tu afirmas;
E eu respondo que te enganas.

A beleza -
Sempre foi
Um motivo secundário
No corpo que nós amamos;
A beleza não existe
E quando existe não dura.
A beleza -
Não é mais do que o desejo
Fremente que nos sacode...
- O resto, é literatura.

Conheço bem os teus nervos;
Deixaram nódoas de lume
Na minha carne trigueira;
- Esta carne que lembrava
Laivos de luz outonal,
Doirada, sem consistência,
A aproximar-se do fim...

Eu já conheço o teu sexo,
Tu já gostaste de mim!

A frescura do teu beijo
E o poder do teu abraço
- Tudo isso eu devassei...

Não é ciúme o que eu tenho;
Mas quando te vi com ela
- Sem que me vissem, chorei...

Quem é pobre sempre é pobre,
Quem é pobre nada tem;
Quem é rico sempre é nobre
E às vezes não é ninguém.
Complicada afirmação
Esta – de ter e não ter!...
- O que importa é ter razão,
Saber amar e sofrer!
Quanto a bens materiais,
Coisas que a sorte nos dá
Ou o trabalho conquista,
É tudo sem consistência:
- Antes a cruel saudade
Que me deu a tua ausência.

Linda e loira,
Como a lua quando nasce
Em tardes de Julho.

A sua boca
Pequenina e recortada,
Era vibrante e discreta
Como a flor da romãzeira.
E os seus olhos, muito vagos,
Como a verem além-mundo,
Assemelhavam dois vales
Com dois lagos de cristal azul ao fundo.

Ao longe, num mar de sangue,
Morre o sol.
E uma aragem muito fria
Faz ondular as palmeiras.

Com damasco precioso
Foi coberto o amplo piso
Guarnecido por mosaicos
E vasos d'ouro lavrado.

Fizeram-se juramentos!
E ela, sorrindo, orgulhosa,
Ergueu-se quase divina!

Soaram palmas, exclamações, e delírios!
- Já ninguém pediu mais vinho!

Baila, baila, minha filha!

- Sim; bailarei como nunca!

E o corpete,

Na dança,
Descai-lhe suavemente
Deixando ver os dois seios,
Pequeninos, volumosos,
Como dois frutos doirados.

Como tu bailas, amor!

Soltam-se os véus; e em redor
Da sua graça,
Da sua carne delgada,
Parecem névoas de seda.

Um grande rubi, soberbo,
Resplandece entre os seus seios
Como se fosse uma estrela!...

Está quase nua!
Mas, continua bailando...

No rosto do rei Tetrarca
Há lágrimas e tristeza.

Agora, baila, pisando
Os brocados que envolveram
O seu corpo de Princesa...

Sobre o seu sexo
brilham duas esmeraldas
De raro fulgor.

E a voz lenta
da bailadeira franzina,
Soa mais lenta, mais longa,
Mais sensual e mais quente:
- Profeta dos olhos negros,
Hás-de ser meu esta noite
Antes da lua surgir!...

O mais importante na vida
É ser-se criador – criar beleza.

Para isso,
É necessário pressenti-la
Aonde os nossos olhos não a virem.

Eu creio que sonhar o impossível
É como que ouvir a voz de alguma coisa
Que pede existência e que nos chama de longe.

Sim, o mais importante na vida
É ser-se criador.

E para o impossível
Só devemos caminhar de olhos fechados
Como a fé e como o amor.

Que importa que o mundo fale?
Responde com um sorriso,
- Um sorriso, e nada mais.

Quando alguém
Só por suposições
Afirma
Alguma coisa má de nós
É porque tem a consciência
De que posto no mesmo caso
nele seria uma verdade
O que em nós é aparência.

Um sorriso, - e nada mais:
Sim, faz o mesmo que eu faço.

Fazes-me pena dizendo
Que sou culpado
Da vida que tens levado...

Mas vá, responde mais claramente:
Eu sou culpado porquê?
Lá por ter sido o primeiro...
- Bem se vê que és infantil
Meu doido amor de algum dia,
Meu adolescente loiro,
- Corpinho alto
Que eu doidamente mordia!

Fazes-me pena continuando a afirmar;
Porque a vida
É sempre o que nós queremos:
- Não rias,
Nem penses que vou brincar.

E se ela nos surpreende
Às vezes
Com alguma coisa, crê-me:
É unicamente -
Porque a nós mesmos,
Raras vezes,
Afirmamos em verdade
O que em verdade queremos.

Bem se vê que és infantil
Meu doido amor de algum dia,
- Corpinho alto
Que eu doidamente mordia.

Se tudo quanto disseste,
- E foram quatro palavras!
Foi tudo quanto sentiste,
Então...,
Porque estranhas
Que eu fique triste?

Podias ter tido pena –
Desta ilusão
Que era a maior e a mais bela
De quantas pude sentir!
Sim, podias ter mentido,
E era tão fácil mentir!

Tentei beijar-te? – perdoa;
Arranjavas um pretexto:
«Agora, não..., outro dia!...»
E eu ficava-me contente!,
- Se eras tu,
A tua boca, os teus olhos,
- Se eras tu quem me mentia!

Busco a beleza na forma;
E jamais
Na beleza da intenção
A beleza que perdura.

Só porque o bronze é de boa qualidade
Não se deve
Consagrar uma escultura.

Bernard Shaw diz que, na vida,
Tudo convém conhecer.
E eu, de tudo,
Mais ou menos dou notícia.
- Só não sei que sabor tem
A fadiga do prazer.

No amor,
Não duvides amor meu, -
Dois tipos de homem
Houve sempre.

E esta verdade
Que é maior que a própria vida,
Só por Ele – vê lá bem!,
Poderá ser desmentida.

- Um,
A contemplar se contenta;
E outro,
Apaixona-se, intervém...

Sê jovem,
Jovem, apenas.

Não faças literatura
Nem ponhas o melancólico aspecto
De quem sabe
E se debruça
Nos abismos
Desta pobre humanidade
Tão vil e tão desgraçada!

Sê natural como as rosas
Que rebentaram ali nos canteiros do jardim,
- E sê jovem!,
Mas não queiras ser mais nada
Quando estás ao pé de mim.

Afirmam que a vida é breve,
Engano, - a vida é comprida:
Cabe nela amor eterno
E ainda sobeja vida.

Tarde nevoenta e baça.

Caem salpicos de chuva,
E há nuvens
Que se atropelam, bailando...

A luz do sol,
Indecisa – muito escassa,
Reflexo de uma lâmina puída,
Cai na planície
Aonde
Eu aguardo o início da corrida.

Cavalos e cavaleiros
Num tropel imponente
De vertigem arriscada,
Aparecem
Lá no fundo...

E a luz,
De repente,
Torna-se um pouco doirada.

A alegria
Daquela
Esplêndida juventude
- Que passa!,
E o ruído seco e surdo
Dos cavalos
Em delírio, galopando,
Dão-me um frémito viril
E uma saudável tristeza.

A chuva surge mais densa;
- Agora,

Com remoinhos,
Granítica, sem leveza,
Encharcando a verde relva
E a multidão
Que persiste
Em ficar
Para ver a apoteose final.

Apesar dos aguaceiros,
E apesar da ventania
Quase cortante,
O garbo gentil e atlético
Dos cavaleiros,
É, nos meus nervos,
Um toque dominador,
Sensualíssimo, vibrante...

Uma gargalhada
Metálica – de mulher,
Retine
Como vidraça quebrada
Por um encontrão brutal.

E o esforço
Que tomo
Para não mostrar aos outros
Meu fundo sentir,
Acaba
Por me tornar
Vencido, pálido, mole.

Saio.
- No ar,
Vive uma réstia de Sol.

Anoitece devagar.

No terreiro,
Vão-se os pares
Ajustando para a dança.

- Quem é que baila comigo?

Bailarei eu!,
Grita uma linda Maria
De rosto largo e trigueiro.

E o harmónio
Murmurando,
Dá início ao movimento
Que é todo ligeiro e brando.

Agora -
Apertam-se mais
Os corpos
Nas voltas lentas e bruscas
Da toada musical.

Vá de roda, quem mais ama?
Quem mais quer ao seu benzinho?
Quem mais ama mais padece;
Eu hei-de amar poucachinho.

Ao redor do bailarico
Já se vai juntando gente
Que andava um pouco dispersa;
E a minha linda cachopa,
Balanceada,

Contente,
Parece dada a um sonho...
- Nem eu sei o que ela sente!

Paro. Mas o meu braço descansa
Nas espáduas do meu par..

A noite cobriu
De sombras a natureza.

Ah!, se eu pudesse cantar
- E dar luz aos corações!

Fico a pensar e a olhar...

- Já se acenderam balões!

Foi aquele moço! Aquele
Que traz um cravo na boca
- Escarlata
Como a cinta
Com que ele envolve os quadris.

E a olhá-lo me ponho
Na graça quente e flexível
Dos seus aspectos viris.

Ai, a vida!,
É tão enganosa e fria,
Tão outra da que nós temos,
Que é bem melhor desejá-la
Como coisa que flutua
Para lá da que nós vemos...

Vamos descansar ali...
Deixemos...
- Digo ao par que me acompanha.

E ouvindo a voz do harmónio,
E contemplando
Esvaído

Os pares em desalinho
Sinto a mesma sensação
De ter bebido algum vinho.

No silêncio
Do meu desânimo triste,
Fui quebrando
As últimas ilusões...

Da vida não quero nada.

O que é que a gente constrói
Dando amor ou amizade?

Tranquiliza-te, sei bem:
Eras o único afecto
- Um frágil fio de cambraia
Envolvendo
A mais sólida ilusão –
Que se esvaiu como as outras...

Da vida não quero nada.

De tudo me hei-de esquecer...

E se aperto com dandismo
O nó da minha gravata,
É inda um defeito inútil
- Dos poucos que hei-de manter...

Nem sequer podia
Ouvir falar no teu nome.
E se fixava o teu vulto,
Irritava-me, sofria
Por não poder insultar-te...

Chuviscava, anoitecia.
- Uma chuvinha
Impertinente e gelada
Como sorriso de ironia
Numa boca desejada.

Já não sei o que disseste;
Nem me lembro do que eu disse...

A chuva continuava.
Atravessámos um jardim
E à luz fosca
Dum candeeiro,
Segredaste ao meu ouvido:
- Quero entregar-te o meu corpo.
E eu acrescentei: - Pois sim.

A chuva tornou-se densa.
Eu ia todo encharcado.
Por fim, chegámos; entrei...

Um marinheiro descia
Ajeitando a camisola
E compondo os caracóis.
Era uma casa vulgar
Aonde o amor
- Oculto a todos os Sóis
Se dava e prostituía
A troco da real mola.

Arrependi-me. Blasfemei;
Mas quando abandonei os teus braços
Senti que tinha mais alma!

E nunca mais te encontrei.

Chora a amante esquecida,
Chora quem vai barra fora;
- Quem não chorou nesta vida
Se o próprio mar também chora?
Sim; tudo acaba num ai,
Num silêncio, num olhar,
Ou numa lágrima triste!
- Nem já sei se te beijei,
Nem me lembro se me viste...
É isto, apenas. O mais,
É mentira e fantasia...
- Se a vida não fosse choro,
O que é que a vida seria?

Vieram dizer-me
Que te condóis
Da vida que vou levando
Desde o nosso rompimento?...

Não tenhas pena; -
Sou feliz a cada hora,
E mais, a cada momento!

Acabei. Nada me fica
Na lembrança -
Para que eu no tumulto insondável do amor,
Me possa prender
Ao prazer de lembrar seja o que for.

Cuidavas que eu andaria
Doido à procura de ti
Pelos clubes onde vive
A tua neurastenia -
Quando,
Afinal,
Tão diferente
Me encontras, - hoje, abraçado
Ao desconforto e à ruína
Dessa ilusão
Que apenas doirou de luz
O nosso primeiro dia!?

Agora, -
Entretenho-me com essas
Que a troco de um vil amplexo
Dão-nos o mundo num beijo.

De quantas misérias, quantas?!
Foi feito o nosso desejo!

Esquece-me. Quero andar
Ao sabor do meu instinto
Cultivado na desgraça.

O amor, -
Deixa um travo, mas passa.

Não tenhas pena.

Do alto do meu aprumo
Desafio a tua verve:

- Para morrer,
Qualquer lugar,
Qualquer corpo,
E qualquer boca me serve.

A JULIETA DO BECO DAS CRUZES

Aos arrancos, lá vai ela
Despedir-se do amante
Nesta manhã de Janeiro!
Coitada, morre por ele!
- Foi o seu primeiro amor
E será o derradeiro.

Todas as tardes, risonha,
Ela falava com ele
Num beco escuro de Alfama.
Era ali que ela morava;
- Até que uma noite foram
Pernoitar na mesma cama.

Estou a vê-la!, cingida
Ao corpo delgado e quente
Desse esbelto carpinteiro!
E vejo-a, dias depois,
nervosa, afastar-se dele
Chamando-lhe: trapaceiro.

Mais tarde ia procurá-lo
À oficina e chorosa
Seguia-o sem que ele a visse;
E naquela perdição
Adoeceu porque um dia
Com outra o viu, - mas, sorriu-se...

Soube-lhe bem ser «mulher»
Do homem que apenas teve
Um desejo passageiro!
Mas, agora, - cruel preço!
Dos olhos fez duas fontes

E do amor um cativoiro.

Adoeceu gravemente.

Nunca mais saiu à rua,

Sempre a tossir e a sofrer...

E era a mãe que, mendigando,

De porta em porta arranjava

Qualquer coisa p'ra viver.

Hoje, constou-lhe que a Guerra

O chamara para as linhas

Do combate, - e combalida,

Vai ao embarque levar-lhe

No silêncio de um olhar

Os restos da sua vida.

APONTAMENTO

Para onde marcha o mundo? O que vai ser
Do pobre que nasceu para servir?
- Trocaram o sorriso pela espada
E é latente a volúpia de agredir!

O que é que os homens querem mais ainda
Além da sua vil mediocridade?
Incêndios, sangue, - ó cegos visionários
Sem alma e sem noção da realidade!
Tambores e metralhas e clarins
Num cântico sinistro, sem beleza,
- Embora a vida seja o hálito da morte,
Uma ilusão de límpida saudade, -
Deixai supor, deixai-vos iludir
De que para viver
Não é preciso matar
Nem é preciso mentir!

FRISO CONTEMPORÂNEO

O FADO

Desde piqueno
- O meu Sonho,
Era chegar a ser homem,
E ser marujo! – embarcar...

Hoje,
Vejo que a vida não deve
Ser vivida com paixão;
- Tudo foge ao nosso olhar.

Amores, quem é que os teve
Com mais funda intensidade?

Tanto anseio me escaldava
Que todas essas que foram
Tocadas pelo meu corpo
Desempenado e trigueiro
Andam à noite vendendo
O frágil sexo – ao primeiro...

Triste de quem tem amores,
Triste de quem os não tem;
De toda a maneira é triste
Sentir saudades de alguém.

E era aclamado!
Sentiam
A nostalgia do fado
Na minha voz

Pouco amorosa mas quente;
- Numa lágrima,
Dizia,
O meu passado e o meu presente.

O vinho
Entornava-se nos copos;
As almas
Vinham à tona
Da conversa altiva e rude:
«Então, à nossa, rapazes!,
Bebam à nossa saúde!»

E havia sempre o afago
Daquela
Que nas sombras da viela
Tange a sua condição
E é nossa por qualquer coisa.

Sim;
Mordi bocas que choravam
Para de novo as morder;
Depois, um dia, casei
- P´ra mais vida conhecer.

Nisto embarco por dois anos.
Deixo a mulher – e lá vou
Servir a Pátria!,
Servi-la
Com aprumo e galhardia!
Que o digam estas divisas
Que são a minha alegria.

Agora volto. Com outro
Se juntou essa perdida;
- Com outro geme o seu cio
Destrambelhado e mordente.
Com outro, dizem; - com «outros»,
Direi eu a toda a gente!

Triste de quem tem amores,

Triste de quem os não tem;
De toda a maneira é triste
Sentir saudades de alguém.

O brinco da tua orelha
Sempre se vai meneando;
Gostava de dar um beijo
Onde o teu brinco os vai dando.
Tem um topázio doirado
Esse brinco de platina;
Um rubi muito encarnado,
E uma outra pedra fina.
O que eu sofro quando o vejo
Sempre airoso meneando!
Dava tudo por um beijo
Onde o teu brinco os vai dando.

Sei –
Que outros abraços te apertam
E outras bocas vão beijar
O teu saboroso corpo
Onde mora o meu destino;
Mas, não me zango nem fujo
Nunca mais de te falar –
Como se em ti desconhecesse
O vício de atraíçoar...

Nesta vida transitória,
Afimal, - o que sou eu?
- A força de um pensamento que diz aquilo que diz
E o resumo de uma história
Que ninguém compreendeu.

É difícil na vida achar alguém
Que seja na verdade um grande amigo,
E se assim penso – e com tristeza o digo,
É porque o sei, talvez, como ninguém.

Se a amizade é um bem – e se esse bem
Traz o conforto de um divino abrigo,
Por mim, direi, que nunca mais consigo
Iludir-me nas graças que ele tem.

Afectos, sacrifícios, lealdade!,
Tudo se apaga ou fica na memória
Se a ilusão dá lugar à realidade.

E ai daqueles que pensam na excepção:
Acabam por ficar dentro da história
De que a vida é um sonho e uma traição.

Casar, mas para quê, se o casamento
Não significa o verdadeiro amor?
E se ele existe – seja como for,
Deixa de ser amor nesse momento.

Leva-se a vida, então, no sofrimento
De um conflito movido no torpor
Que amortece o respeito e esse pudor
Necessários ao lar e ao sentimento.

Com piquenas e raras exceções
O homem e a mulher andam no mundo
Ao sabor das mais loucas tentações...

E, mutuamente, embora não pareça,
Desejam ambos libertar-se a fundo
Ou esperam que a morte os favoreça.

Se fosses luz serias a mais bela
De quantas há no mundo: - a luz do dia!
- Bendito seja o teu sorriso
Que desata a inspiração
Da minha fantasia!
Se fosses flor serias o perfume
Concentrado e divino que perturba
O sentido de quem nasce para amar!
- Se desejo o teu corpo é porque tenho
Dentro de mim
A sede e a vibração de te beijar!
Se fosses água – música da terra,
Serias água pura e sempre calma!
- Mas de tudo que possas ser na vida,
Só quero, meu amor, que sejas alma!

Explica-me tu se podes
Num movimento de calma,
Porque razão
Se te beijo num desvairo de prazer
Às vezes sou todo corpo
E às vezes sou todo alma?

Fui agora mexer nas tuas cartas.

Quem pudesse voltar a acreditar
Nessas palavras doidas e transidas
De febre no delírio da paixão
Que arrastaram num sonho as nossas vidas
Misturando-as na mesma reacção!

Aqui há um juramento além da morte.
Ali dizes que vens logo à noitinha;
E um cheiro a vinho e a fruta – Que doidice!,
Paira naquele quarto do hotel
Onde fiquei três dias e três noites
Esquecido de tudo à tua espera!

Estávamos em Março; Primavera.

Nesta um abraço ainda cinge e aperta
Meu corpo vibrante,
E ali rasga o papel o teu ciúme
Num beijo sensualíssimo de amante.

Além, mais alto, impões que te apareça
- E a noite era uma noite muito fria!
Tanta carta a falar do nosso amor,
Tanta coisa que morre e nem nos deixa
Sequer um vago som de simpatia?

O que eu chorei quando esta recebi,
Esta que diz: «Não volto a procurar-te».
E atrás de ti segui por toda a parte,
Até que te encontrei; e ardentemente
Voltámos à loucura que findou.

Como é que a gente pode mudar tanto

Sem sentir pela hora que passou
- Por essa hora linda de prazer,
Uma saudade, um pormenor qualquer,
- Ficarmos alheados ou suspensos, -
Uma tristeza, uma tremura, um ai
Que nasce e vai morrer lá onde a realidade
Começa e não acaba e nunca expira?...

Não leias estes versos. Tudo isto,
Tudo isto, afinal, é só mentira.

CANTIGA

Se eu fosse alguém ou mandasse
Neste mundo de vileza
Só pensava numa coisa
- Acabar com a pobreza.
Dar à vida outra feição
Mais igual, mais repartida,
Seria o meu grande sonho,
A minha grande alegria,
E a cada boca num beijo
Dar o pão de cada dia.

Quem tem muito poderia
Ter menos um bocadinho
P´ra não haver tanto pobre
A pedir no meu caminho.
Não ouvir o desalento
À noite pelas tabernas,
Nem haver gente com fome
Lutando para viver
Porque eu sou pobre também
E não lhes posso valer.

Acabar com a miséria
Mãe do crime e da loucura
Seria ensinar a ler
Os vermes da sepultura.
Mas, cingido ao fatalismo
De uma luta desigual
O que há-de fazer um triste
Que só chegou a indigente?
- Renunciarmos a tudo
No futuro e no presente.

Não ouvir uma criança
Na tristeza de uma queixa
Fazer-nos sentir a morte
E o luto que ela nos deixa;
Podermos dar num sorriso
A expressão da felicidade;
cada mortal possuir
A sua razão de ser,
- Assim gostava da vida
E gostava de viver.

JOSÉ MARIA ALVES

www.homeoesp.org

www.josemariaalves.blogspot.com

